

Novas perspectivas para o estudo do Epipaleolítico do interior alentejano: notícia preliminar sobre a descoberta do sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo

FRANCISCO ALMEIDA¹JOÃO MAURÍCIO²PEDRO SOUTO²MARIA JOÃO VALENTE³

R E S U M O

O Alentejo Interior tem sido considerado como uma área onde o povoamento paleolítico e epipaleolítico foi escasso, praticamente inexistente ou, no mínimo, desconhecido. Esta perspectiva carecia, no entanto, de prospecções sistemáticas e direccionadas para a descoberta de sítios arqueológicos com tais datações.

Com as prospecções e sondagens levadas a efeito pela equipa da Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia, no âmbito do Bloco B1 "Identificação e estudo das potenciais ocupações paleolíticas na área do regolfo do Alqueva", resultante do contrato assinado entre esta instituição e a EDIA S.A., temos vindo a demonstrar que, afinal, existe de facto povoamento paleolítico e epipaleolítico no Alentejo interior.

Em relação ao Epipaleolítico, o sítio da Barca do Xerez de Baixo, aqui publicado pela primeira vez e de forma muito preliminar, abre novas perspectivas para o estudo das últimas comunidades de caçadores-recolectores das regiões interiores. O seu excelente estado de preservação, com a associação de vestígios faunísticos e estruturas de combustão a numeroso espólio de pedra lascada, possibilitará, num futuro próximo, estudos mais detalhados não só dos padrões tecnológicos e de subsistência destas comunidades, mas também a criação de novos modelos para as estratégias de povoamento das regiões interiores durante a transição do Plistocénico para o Holocénico.

A B S T R A C T

Traditionally, the inland areas of Alentejo (South Portugal) have been considered as empty of Paleolithic and Epipaleolithic settlement. Both have been taken as non-existent, or at least unknown. This perspective lacks, however, grounding on systematic surveys specifically directed towards the discovery of sites with such an age.

With ongoing archaeological survey and excavations carried out by Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia teams, within the project of salvage excavation in the Alqueva

dam (a project sponsored by EDIA, S.A.), we have been demonstrating that, in fact, there was a Paleolithic and Epipaleolithic settlement of inland Alentejo.

In what concerns the Epipaleolithic, the archaeological site of Barca do Xerez de Baixo, here published by the first time in the form of a preliminary report, opens new perspectives for the study of the latest hunter-gatherer communities of inland regions. Its excellent preservation conditions, with the association of faunal remains and fire features to a rich assemblage of stone artefacts, will provide, in the near future, new insights into these communities' technological and subsistence patterns, as well as directions into the creation of new models for the human settlement of inland regions during the Pleistocene-Holocene transition.

1. Introdução

No seguimento do contrato celebrado entre a EDIA, S.A., empresa encarregue da construção da futura barragem do Alqueva, e a Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia (STEA), em Março de 1998, com vista à adjudicação do Bloco B1 do Plano de Minimização de Impactes sobre o Património Arqueológico — “Identificação e estudo de potenciais ocupações paleolíticas na área do futuro regolho” — têm-se vindo a desenvolver trabalhos arqueológicos de diversa natureza, sob a direcção de Francisco Almeida, e onde se tem pretendido, para além de caracterizar devidamente os locais já inventariados no Quadro de Referência da EDIA atribuídos ao Bloco B1 (em número de 75), a identificação de sítios inéditos de idade plistoocénica, em contextos geomorfológicos propícios à sua preservação.

Assim, e praticamente desde o início dos trabalhos, a equipa da STEA tem direccionado a sua intervenção por dois caminhos complementares: a caracterização tafonómica das estações já inventariadas, quer através de recolhas sistemáticas de superfícies e observações no terreno, quer através do recurso a sondagens; e a prospecção com vista à localização de estações arqueológicas inéditas, e cuja datação se integre dentro dos parâmetros do Bloco B1, ou seja, que detenham no seu interior vestígios de ocupações paleolíticas ou epipaleolíticas.

Mais do que achados de superfícies descontextualizados — leia-se em posição secundária ou “terciária” — temos centrado a nossa estratégia de prospecção em contextos com potencial para a preservação de ocupações plistoocénicas em estratigrafia. Ou seja, mais do que concentrações de materiais de pedra lascada à superfície, procuram-se formações geomorfológicas, com achados superficiais é certo, mas com potência sedimentar. Para além de recolhas superficiais torna-se assim também essencial a análise de cortes nas várias plataformas sedimentares do Guadiana, quer aqueles sejam naturais, quer artificiais. Na raridade de estudos de Geologia do Quaternário para a área em questão (infelizmente, a maior parte dos estudos sobre os terraços do Guadiana centrou-se ou a jusante ou a montante da área do futuro regolho...), temos optado pela aplicação, tendo em conta o nosso progressivo conhecimento das características geomorfológicas locais, dum método de prospecção que já deu frutos noutras áreas do país, como o Algarve, Foz Coa, ou a Estremadura.

Ao fim de quase um ano de trabalhos, o balanço é francamente promissor. Foram detectados 20 sítios inéditos, cujas características nos permitem hoje afirmar com clareza que existiu ocupação do Alentejo Interior durante o Paleolítico e o Epipaleolítico. Se é verdade que são ainda

raras as estações claramente atribuíveis ao Paleolítico Antigo (Inferior ou Médio), esse facto deve-se acima de tudo à estratégia de prospecção acima exposta: a procura de formações onde aquelas ocupações se apresentem, no mínimo, geologicamente *in situ*. Ainda assim, a recolha em contextos secundários de alguns bifaces e material de características acheulenses, na sua maioria com arestas francamente roladas, apontam para a possibilidade, com o desenrolar dos trabalhos, da detecção de ocupações do Paleolítico Inferior em contexto geológico fechado. A estação inédita da Quinta da Fidalga, de resto, apresenta-se desde já como um dos potenciais locais com características suficientes para corresponder àquelas exigências.

No que ao Paleolítico Superior diz respeito, os trabalhos inéditos de prospecção tiveram como resultado a descoberta de pelo menos oito sítios cujo espólio parece apontar para ocupações integráveis nos tecnocomplexos Gravettense, Solutrense e Magdalenense. Tal atribuição carece, no entanto, de sondagens arqueológicas com vista não só à contextualização dos materiais recolhidos à superfície, mas também à recolha de maiores amostras artefactuais, e ainda de amostras de materiais passíveis de datação radiométrica. O único sítio deste conjunto já intervencionado em profundidade foi o Chancudo 3, onde se exumou uma ocupação que datará, por paralelos tecnológicos e tipológicos, do tecnocomplexo Magdalenense, provavelmente do Magdalenense Superior ou Final. Embora o estudo do espólio destas várias estações esteja programado apenas para o ano 2000, e só depois de concluídos os trabalhos de campo, alguns padrões interessantes começam a revelar-se, nomeadamente no que à economia das matérias-primas diz respeito, bem como às diferentes estratégias de exploração para cada uma delas.

Finalmente, o Epipaleolítico é de momento apenas claramente representado por uma estação — a Barca do Xerez de Baixo. Mais do que uma publicação monográfica deste importante sítio (que se planeia via a efectuar sob os auspícios da EDIA, S.A., no final do projecto), pretende-se, com esta notícia preliminar apresentar minimamente a estação, e acima de tudo, discutir algumas ideias que a sua descoberta implica.

2. A estação arqueológica da Barca do Xerez de Baixo

2.1. Localização e antecedentes

O sítio arqueológico da Barca do Xerez de Baixo localiza-se junto a uma pequena linha de água afluyente do Guadiana, na margem direita do mesmo, em frente à Barca (na margem oposta). As suas coordenadas geográficas são 38°24'33.7" Norte e 7°22'21.9" Oeste, tendo a estação uma cota aproximada de 120 metros. O acesso à Barca do Xerez de Baixo faz-se por estrada de terra a partir do Monte do Xerez de Baixo. Do ponto de vista geomorfológico, estamos na presença de uma grande plataforma coluvionar, recortada várias vezes por pequenas linhas de água. O substrato rochoso é constituído por granitos.

A descoberta do valor arqueológico da estação da Barca deve-se a Pedro Souto e João Maurício, elementos da STEA, que, no âmbito das prospecções com vista à localização de sítios inéditos, se deslocaram ao local em Abril de 1998. Os invernos chuvosos dos dois últimos anos provocaram o alargamento da linha de água previamente existente no local, desbastando o corte já existente, o que resultou na exposição de uma potência sedimentar com cerca de sete metros de altura. Foi possível detectar, no referido corte, a existência de pelo menos três níveis arqueológicos (existindo no entanto talvez quatro), separados por camadas arenosas e areno-argilo-

sas estéreis. Um dos níveis, extremamente rico em artefactos de pedra lascada, termoclastos, cinzas e restos faunísticos, apresentava uma extensão de quase 25 m ao longo do corte aberto pelas chuvas torrenciais.

A amostra artefactual e faunística então recolhida apontava para uma cronologia plistocénica. Na ausência de artefactos cerâmicos, e perante as boas condições geomorfológicas da Barca do Xerez de Baixo (o nível arqueológico principal encontra-se, na parte Oeste do referido corte natural, sob mais de cinco metros de areias siltosas), foi decidido iniciar uma primeira campanha de sondagens arqueológicas no local. Esta campanha tinha, à partida, como objectivos principais: a contextualização estratigráfica e espacial dos artefactos e das estruturas evidentes no corte (onde alguns dos termoclastos se apresentavam em associação); e a integração cronológico-cultural da estação, incluindo a recolha de amostras passíveis de datação radiométrica.

2.2. A campanha de sondagens de 1998

2.2.1. Área escavada

Os trabalhos de sondagem iniciaram-se pela limpeza de um corte com dois metros de largura numa das zonas de maior concentração artefactual e faunística (unidades P40 e P41). Posteriormente, verificou-se que uma tão pequena área intervencionada era insuficiente para a recolha de uma amostra significativa. Além disso, era importante averiguar a inclinação do nível arqueológico principal, não só em relação ao Guadiana mas também em relação à linha de água que possibilitou a descoberta do sítio. Assim, optámos por abrir uma área no corte oposto, correspondendo às unidades R40 e R41 (Fig. 1), que, com o desenrolar dos trabalhos, veio a abranger também as unidades Q40 e Q41.

A escavação foi feita com recurso a pico (na fase inicial) e, quando se atingiu o nível arqueológico, a colherim e canivete. Procedeu-se à coordenação tridimensional de todo o tipo de vestígios referenciados durante a escavação, estando o eixo do X orientado paralelamente à linha de água (sensivelmente Norte-Sul). A precária preservação dos restos faunísticos, associada à compactação dos sedimentos do nível arqueológico principal, implicou uma extrema morosidade dos trabalhos. Na maioria dos casos, tornou-se necessária a utilização de água (através de um espessor portátil) para facilitar a escavação. Para cada osso posto a descoberto, recorreu-se à utilização de consolidante, a fim de possibilitar uma remoção menos destrutiva. Casos houve onde a profusão de materiais osteológicos era tal que optámos por remover blocos inteiros do sedimento envolvente, devidamente coordenados, para posterior escavação em laboratório.

A escavação efectuou-se por níveis artificiais dentro de cada camada natural: de 10 cm para as camadas estéreis, e de 5 cm dentro do nível arqueológico principal que, como veremos, corresponde à camada 2.

2.2.2. Estratigrafia

No final da primeira campanha de sondagens, a estratigrafia da Barca do Xerez de Baixo pode caracterizar-se do seguinte modo (Figs. 2-3):

- Camada 0: Camada de siltes castanho amarelados - 10 YR 5/4 (castanho amarelado escuro - 10 YR 3/6 - enquanto húmidos) compactos, e muito homogéneos. Praticamente estéril do



Fig. 1 Barca do Xerez de Baixo. Aspectos dos trabalhos de registo da estrutura localizada nas unidades R40-R41.

ponto de vista arqueológico. Os raros artefactos encontrados, na sua totalidade de pedra lascada, provêm essencialmente de pequenos remeximentos do nível arqueológico principal, devido a tocas. A espessura desta camada nas unidades da fiada P é de cerca de 80 cm, atingindo, para Oeste, na zona ainda por escavar, rapidamente os 4 m. No lado oposto da linha de água, a espessura da camada 0 diminui drasticamente para cerca de 30 a 40 cm.

- Camada 1: Presente apenas nas unidades R40 e R41, corresponde a terras argilosas de cor castanha escura, resultantes da acção localizada de formigueiros.

- Camada 2: Corresponde ao nível arqueológico principal da Barca do Xerez de Baixo. A matriz é composta por siltes compactos castanho amarelados (10 YR 5/4) que, devido à enorme profusão de microfragmentos de fauna e de carvões, adquirem uma coloração geral acinzentada. A espessura média da camada é de 25 cm, apresentando a mesma uma dupla inclinação para Sul e para Oeste. Esta última inclinação é inversa à apresentada pela superfície do terreno. Nesta

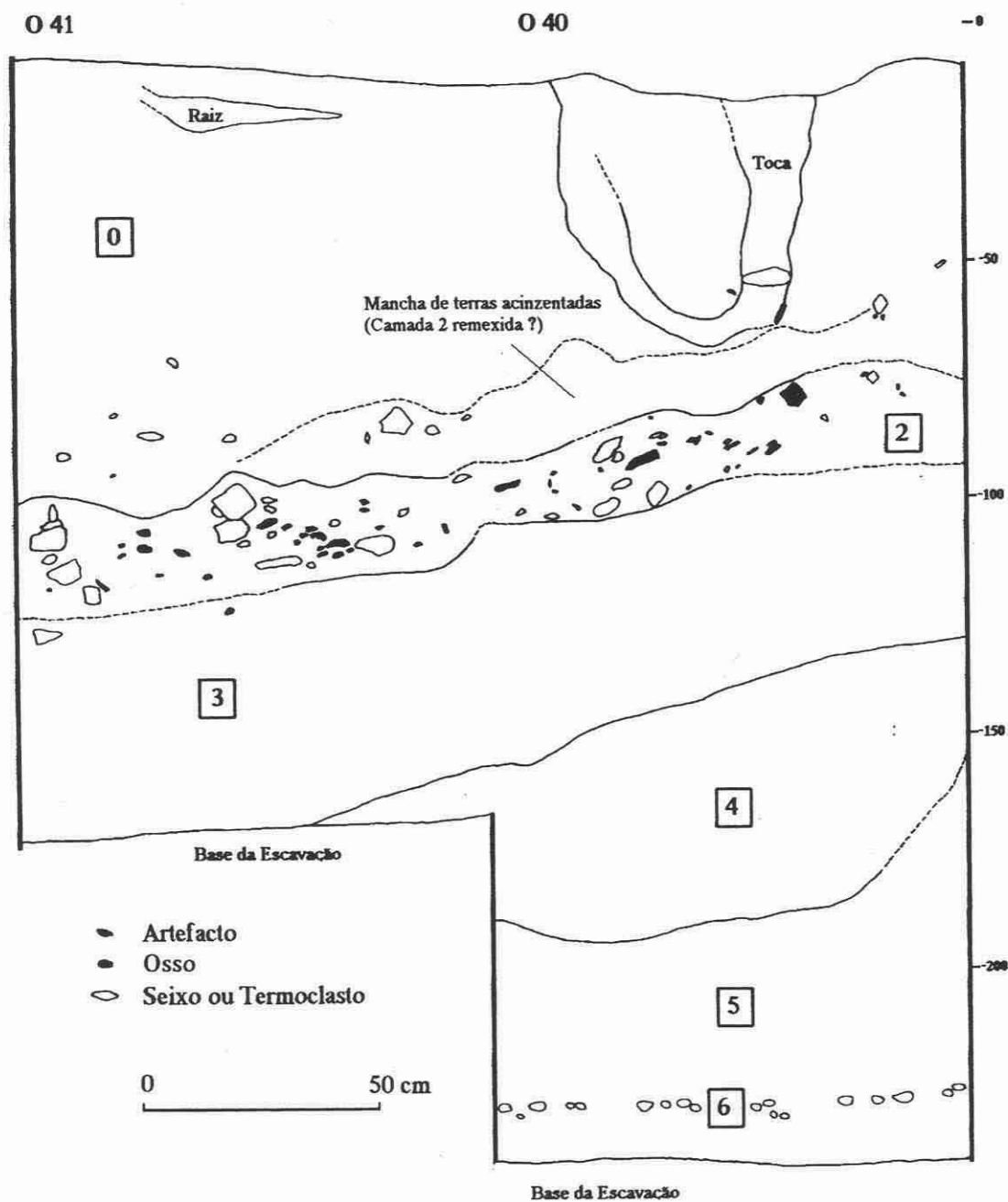


Fig. 2 Barca do Xerez de Baixo: Corte O-P/40-41.

camada foram encontrados inúmeros artefactos de pedra lascada, principalmente em quartzito e quartzo, associados a restos faunísticos, cujo estudo preliminar demonstra pertencerem a pelo menos quatro géneros: equídeos, cervídeos, bóvidos, e lagomorfos. Associados a este espólio surgem numerosos termoclastos e seixos (alguns em clara associação e remontando) que correspondem a possíveis estruturas de combustão ou pavimentos. De um modo geral, torna-se claro que o nível arqueológico foi sujeito a intensa acção térmica: assim o demonstram não só os termoclastos como também os vários fragmentos de carvão e ossos queimados. Foi já possível, a partir de um dos fragmentos de carvão recolhidos, obter uma datação absoluta, por AMS, para este importante nível arqueológico: 8.640 ± 50 BP (Beta-120607). Esta datação integra o sítio da Barca no período Epipaleolítico, para o qual não se conheciam quaisquer ocupações no Alentejo interior. A análise da distribuição espacial dos materiais referenciados (mais de mil na área sondada) sugere uma clara organização do espaço de habitat (Fig. 4): enquanto nas unidades da fiada P e na zona Sudeste da unidade R41 aparecem essencialmente artefactos de pedra lascada, na unidade R40 e na zona Noroeste da unidade R41 são mais abundantes os elementos de estrutura (fragmentos de granito, seixos e termoclastos de quartzo e quartzito, e fragmentos de xisto). Os restos faunísticos, por sua vez, apresentam uma clara concentração na fiada P. Em suma, torna-se mais do que provável estarmos na presença de um nível arqueológico *in situ*, como de resto é indiciado pela sua espessura média: cerca de 20 a 25 cm.

- Camada 3: Camada de siltes castanho amarelados - 10 YR 5/6 - castanhos enquanto húmidos (7.5 YR 4/6), compactos e muito homogéneos. Estéril do ponto de vista arqueológico, esta camada apresenta uma espessura média de cerca de 50 cm.



Fig. 3 Barca do Xerez de Baixo: Corte O-P/40-41.

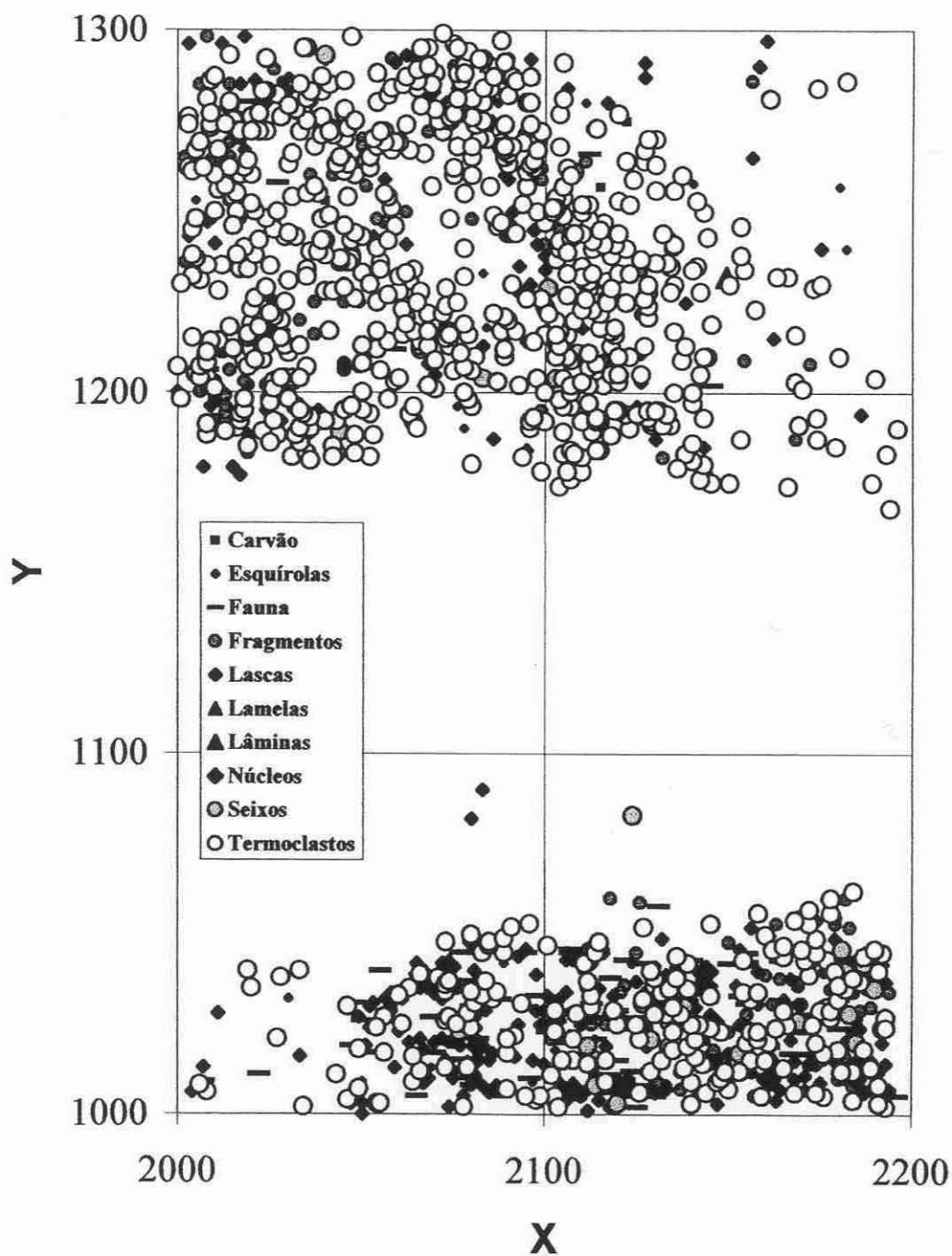


Fig. 4 Barca do Xerez de Baixo: Distribuição Espacial, na área sondada, dos vestígios arqueológicos referenciados da camada 2.

- Camada 4: Camada de terras argilosas castanho amareladas (10 YR 5/6), compactas e muito homogéneas. Estéreis do ponto de vista arqueológico. A sua espessura média é de 50 cm.

- Camada de siltes castanho amarelados (10 YR 5/4), compactos, e também muito homogéneos. Estéril do ponto de vista arqueológico, com espessura média de 50 cm. Na sua base existe uma ténue cascalheira, correspondente a um nível de terraço que se torna bastante mais visível a Sul da área intervencionada (Camada 6). Nessa área a cascalheira contém artefactos de pedra lascada rolados, cuja datação deverá, portanto, ser pelo menos anterior ao Epipaleolítico.

Durante a escavação foi ainda possível observar que terá existido, previamente à actual linha de água, uma outra linha de água, sensivelmente no mesmo local, mas com menores dimensões, quer em largura quer em profundidade. Esta linha de água era detectável, não só por um nível de gravilha associado a alguns artefactos que terão sido erodidos do nível arqueológico principal, mas também por uma clara compactação, associada a raízes, na intersecção entre o antigo canal e a área não afectada pelo mesmo.

Para além da cascalheira, acima designada como camada 6, existe na área mais a Sul uma outra cascalheira, separada da primeira por sedimentos siltosos, que tem no seu interior artefactos de pedra lascada rolados.

2.2.3 O Nível Arqueológico da Camada 2

Mesmo tendo em conta as reduzidas dimensões da área sondada, uma análise preliminar dos vestígios exumados no nível arqueológico da camada 2 apresenta desde já alguns padrões que nos parecem interessantes: não só no que ao espólio artefactual e faunístico recolhido diz respeito, mas também no que toca à distribuição espacial dos vestígios, e ao que esta reflecte da organização espacial do espaço de habitat.

2.2.3.1. A Fauna

No que toca à fauna, os estudos preliminares da mesma estão a cargo de Maria João Valente, cujos primeiros resultados aqui apresentamos de seguida.

Em virtude da morosa limpeza e consolidação do material (que por vezes envolveu a escavação em laboratório de fragmentos osteológicos envolvidos por blocos inteiros de sedimento), apenas foram observados 76 dos restos recolhidos, pelo que os dados aqui apresentados são ainda muito preliminares.

Os restos foram objecto de observação macroscópica e à lupa, visando não só a determinação anatómica e a classificação taxonómica, mas também o registo de marcas de corte ou fracturação antrópica, de calcinação, de compactação sedimentar e de dissolução química. Foi igualmente atribuído um estado de meteorização («weathering stage» de Behrensmeyer), procurando a obtenção de informações quanto ao processo que medeia entre a deposição e a sedimentação.

Face à escassez da amostra analisada, optámos pela quantificação simples do Número de Restos: Número Total de Restos (NTR), Número de Restos Determinados (NRD) e Número de Restos Indeterminados (ND).

Tendo presente que (1) o material estudado foi recolhido em sondagem desenvolvida ao longo de um corte estratigráfico natural, efectuado pela escorrência de águas de uma pequena linha que desemboca no Guadiana, e que (2) a compactação de sedimentos na «camada 2» é elevada, não é de estranhar que, na sua grande maioria, os restos osteológicos da Barca do Xerez se encontrem extremamente fragilizados e fragmentados, exibindo uma superfície bastante alterada. Esta condição só permitiu a classificação indiscutível (ao nível da espécie) de quatro restos, sendo estes exclusivamente elementos dentários.

- *Cervus elaphus* L. 1758 (veado):
 - dois fragmentos de molar indiferenciado (P41.451, R40.399);
 - um fragmento de molar inferior (geral de superfície).

- *Equus caballus* L. 1758 (cavalo):
 - um fragmento de molar inferior (R41.272).

Sem se poder certificar a sua inclusão no *Cervus elaphus*, três outros fragmentos de dentes jugais podem ser adjudicados genericamente aos cervídeos (2 P40.geral; P41.geral).

Dois outros fragmentos ósseos deverão pertencer a lagomorfos ou a animal de semelhante dimensão. Note-se que foi ainda observado em campo um fragmento dentário de bovídeo, não estudado ainda em laboratório.

Quanto à restante macrofauna, dos restos não dentários (67 ao todo) nenhum é classificável, sendo que apenas 41 restos detêm um comprimento superior a 2 cm (apenas seis apresentam medida superior a 5 cm), e os restante 26 representam meras esquirolas (uma dimensão inferior aos 2 cm).

Foram observadas seis esquirolas com sinais de calcinação, possivelmente associadas às estruturas de combustão.

Não foram até ao momento observadas quaisquer marcas de corte ou fracturação intencional.

Alguns restos apresentam evidentes traços de «trampling», isto é, esmagamento pela força do transporte e peso dos sedimentos, bem como marcas de dissolução química.

Ao nível da meteorização, os restos ósseos apresentam, ou um estágio 2, com grandes fissuras longitudinais, que podem porventura ter originado fragmentação, ou um estágio 1 com fissuras menos evidentes e algum desgaste superficial. Outros ainda exibem um estágio intermédio.

O estudo mais aprofundado da meteorização deste conjunto, e principalmente do material proveniente de novas áreas não submetidas a exposição recente e não afectadas pela linha de água, poderá verificar a constância destes estádios 2 e 1, permitindo conclusões quanto ao tempo de exposição do material à superfície e à rapidez de deposição dos sedimentos sobre o mesmo.

Perante a exiguidade do material estudado não são muitas as informações a que se pode aceder. No entanto, são-nos permitidas as seguintes conclusões:

1 - Os restos osteológicos da Barca do Xerez encontram-se em estado muito precário, o que se pode dever não só às condições da área de onde foram exumados, ou seja, junto a um corte natural de sedimentos, afectado por uma pequena linha de água, mas também ao nível de compactação dos sedimentos que os envolviam (evidentes sinais de esmagamento dos fragmentos

recolhidos). Neste aspecto há a referir que, já depois de finalizada a primeira campanha de sondagens no local, novas chuvas vieram a alargar o corte natural e a expor novos fragmentos ósseos em bom estado de preservação.

2 - Dos 76 restos observados (NTR), apenas sete foram classificados (NRD). Dos restantes 69, 2 pertencerão a lagomorfos ou animal de dimensão semelhante, não sendo possível a determinação dos demais 67 restos (ND).

3 - Até ao momento só foram identificadas duas espécies: três fragmentos dentários pertencentes a veado (*Cervus elaphus*) e um fragmento dentário de cavalo (*Equus caballus*). Deverão ainda existir restos de lagomorfos e de bovídeos.

4 - Os restos não determinados (ND) apresentam-se como fragmentos de pequenas dimensões (6 restos com comprimento acima dos 5 cm, 41 entre 5 e 2 cm, e 26 abaixo dos 2 cm), o que se deve muito provavelmente a movimentações físicas dos sedimentos (antigas ou recentes), e acção química dos mesmos.

5 - Não foram observadas (por macroscopia) marcas de corte inequívocas; no entanto, existem alguns ossos calcinados, possibilitando a associação a estruturas de combustão e, por conseguinte, a uma acção antrópica.

6 - O estágio de meteorização evidenciado pelos restos ósseos deixa antever a existência de algum tempo (de 0 a 3 anos) entre a deposição do material e seu enterramento.

2.2.3.2. O espólio artefactual e sua atribuição cronológico-cultural

QUADRO 1				
Inventário preliminar da indústria lítica recolhida em sondagem no nível arqueológico da camada 2 da Barca do Xerez de Baixo				
	Quartzito	Quartzo	Sílex	TOTAL
Núcleos	9	6		15
Lascas	202	86	2	290
Lâminas	2			2
Lamelas	1	1		2
Esquírolas	13	17	2	32
TOTAL	227	110	4	341

Em relação ao espólio artefactual, fomos dirigindo a nossa atenção, durante o período da sondagem, para algum artefacto que nos pudesse diagnosticar uma cronologia para o nível presente na camada 2. As características principais da indústria de pedra lascada recolhida (Quadro 1) apontavam para um uso maciço do quartzito e do quartzo, sendo o sílex minoritário. Tecnologicamente, o quartzito parece ser explorado com vista à produção expedita de lascas, a partir de núcleos sobre seixo, de tipo seixo talhado ou discóide. A indústria em quartzo, no entanto, adquire carácter microlítico, sendo também dominada por uma tecnologia com vista à produção de lascas. Perante estas características, tornou-se difícil a definição cronológica da Barca do Xerez de Baixo. Duas hipóteses se levantavam: ou estarmos perante uma ocupação do Paleolítico Antigo (Inferior ou Médio) ou perante uma ocupação epipaleolítica semelhante não às conhecidas para regiões como o litoral estremenho, mas às indústrias ricas em quartzito da zona das Astúrias. A primeira hipótese baseava-se, acima de tudo, na falta de elementos existentes na região

que pudessem, pelo menos até àquela data, definir claramente as estratégias de exploração líticas para os períodos mais antigos da pré-história. Perante tal panorama, e face aos padrões tecnológicos evidenciados na amostra artefactual exumada, nomeadamente a predominância de materiais macrolíticos (em quartzito), a ausência de materiais leptolíticos e, acima de tudo, a inexistência de quaisquer materiais cerâmicos, levou-nos, desde logo, a afastar uma datação da Pré-História recente — período do qual bem cedo nos foi apresentado como possível paralelo para a Barca o vizinho sítio arqueológico do Xerez de Baixo. Os trabalhos efectuados neste último local pela equipa dirigida pelo Professor Victor Gonçalves vieram a demonstrar, no entanto, que o que parecia em tempos ser um nível arqueológico cujo espólio se apresentava como completo, homogéneo e numeroso — tendo inclusivamente servido como um dos sítios chave para uma caracterização morfotécnica do “Languedocense” (Raposo e Silva, 1980-1981, 1984) — era afinal um sítio onde a grande maioria dos materiais se apresentam em posição secundária. Mesmo antes de iniciada a nossa sondagem na Barca do Xerez de Baixo, era evidente para nós que as condições de jazida dos dois locais eram extremamente diferentes.

A primeira datação obtida para o nível arqueológico da camada 2, por AMS, a partir de uma amostra de carvão da camada 2 (Quadro 2), veio claramente demonstrar que, afinal, não estávamos perante uma ocupação do Paleolítico Antigo como chegámos a aventar, nem da Pré-História recente, como outros chegaram a sugerir:

QUADRO 2			
Datação de radiocarbono do nível arqueológico da camada 2 da Barca do Xerez de Baixo			
Numero da Amostra	Referência do Laboratório	Material Datado	Data Convencional de ^{14}C (anos BP)
Barca 001	Beta-120607	Carvão	8640±50 BP

Esta datação, a confirmar-se (com posteriores datações), coloca o sítio da Barca do Xerez de Baixo dentro dos limites cronológicos do Epipaleolítico, confirmando assim a nossa segunda hipótese de datação, e transforma-a num dos mais interessantes no contexto da Pré-História da região do Alentejo, e mesmo nacional, uma vez que é o primeiro sítio datável do período Epipaleolítico em contexto primário (*in situ* arqueológico) no Alentejo Interior.

No estado actual dos nossos conhecimentos, é mesmo o sítio epipaleolítico conhecido mais a interior no território português, numa área que tradicionalmente se tem considerado como praticamente “desertificada” entre o fim do Pleistocénico e o advento do Neolítico. O povoamento epipaleolítico e mesolítico de Portugal parecia, de facto, concentrar-se exclusivamente nas áreas litorais, ou junto aos estuários dos grandes rios (principalmente o Tejo e o Sado). Com a descoberta da estação da Barca do Xerez de Baixo, novas perspectivas se abrem para o estudo (e futuras prospecções) do povoamento no interior do território português no período de transição entre o Pleistocénico e o Holocénico.

O seu estado de preservação torna a Barca do Xerez de Baixo um sítio arqueológico com grande potencial para o estudo comportamental das últimas comunidades de caçadores-recolectores da área. A existência de inúmeros vestígios faunísticos, alguns deles queimados e claramente associados a estruturas de combustão *in situ*, é fenómeno raríssimo nos solos essencialmente ácidos do Alentejo.

A pequena área sondada e a distribuição espacial dos vestígios exumados apontam para uma clara organização espacial do espaço de habitat, que importa estudar em profundidade, sendo desde já essencial averiguar os padrões de relação entre as várias estruturas de pavi-

mento/combustão do local, a fauna, e os inúmeros vestígios de pedra lascada. Não será de excluir a possibilidade, face às excelentes condições pós-deposicionais da Barca do Xerez de Baixo, da existência de restos humanos, ou mesmo sepulturas organizadas, na área a intervir futuramente pela equipa da STEA.

Do ponto de vista arqueológico, e tendo em conta o contexto do povoamento epipaleolítico de Portugal, a Barca apresenta-se como um sítio singular, principalmente no que toca ao seu espólio faunístico e artefactual. Em relação ao primeiro, e apesar da área intervencionada ser ainda pouco representativa, torna-se desde já notória a ausência de quaisquer moluscos. A subsistência deve, aqui, tomar características radicalmente diferentes das do Epipaleolítico das regiões litorais ou estuarinas, geralmente rico em fauna malacológica. Um tal padrão de subsistência poderá implicar, por sua vez, uma maior mobilidade dos grupos em questão, uma das razões pelas quais, talvez, tenha sido até agora tão difícil a detecção deste tipo de estações nos vários levantamentos arqueológicos das zonas interiores do nosso território. O próprio espólio artefactual da estação da Barca do Xerez (mesmo tomando em conta a fraca representatividade em termos espaciais da área intervencionada) difere grandemente do encontrado nas estações epipaleolíticas do litoral estremenho. Quanto ao litoral alentejano, novas perspectivas se abrem para o estudo conjunto e comparativo das indústrias epipaleolíticas do Mirense, no âmbito do qual os estudos de Luís Raposo no sítio de Palheirões do Alegria vieram a demonstrar claramente tratar-se de uma ocupação epipaleolítica com datações semelhantes às da Barca (8700 ± 100 BP, 8400 ± 70 BP, e 8802 ± 100 BP – Raposo, 1994).

A questão do tão propalado “Languedocense” (Jorge, 1974; Raposo, 1986; Raposo e Silva, 1980-1981, 1984; Silva, 1994) poderá ter nesta estação um contributo importante para a sua resolução. A nosso ver, apenas com o recurso ao estudo de contextos fechados e bem contextualizados, como é o caso da Barca, se poderá avançar num problema crónico da Pré-História alentejana: o das macro-indústrias em quartzito do Guadiana. Contamos vir a publicar, num futuro próximo, algumas reflexões teóricas e metodológicas sobre possíveis vias de investigação para uma clarificação daquela problemática.

Agradecimentos

Gostaríamos aqui de deixar bem expresso o nosso agradecimento à EDIA, S.A., especialmente ao Dr. António Carlos Silva e a José Perdigão, cujo apoio e disponibilidade em relação aos problemas e questões levantados pela nossa equipa, quer em relação à Barca do Xerez de Baixo, quer em relação a outros locais integrados no Bloco B1, têm sido permanentes e imprescindíveis ao bom desenrolar dos trabalhos.

NOTAS

1 Department of Anthropology, Southern Methodist University, Dallas, 75275 Texas, EUA

2 Sociedade Torrejana de Espeleologia e Arqueologia, Quinta da Lezíria, 2350 Torres Novas

3 Mestrado de Arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, Museu Nacional de Arqueologia, Praça do Império, 1400 Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- E.D.I.A. (1996) - *Quadro geral de referência: património arqueológico no regolfo de Alqueva*.
- E.D.I.A. (1997) - *Plano de minimização de impactes sobre o património arqueológico*.
- JORGE, V. O. (1974) - Complexos industriais de seixos afeiçãoados no Mundo: uma panorâmica. *Arqueologia e História*. Lisboa. Série 9. 5, p. 9-53.
- RAPOSO, L. (1986) - Mustierense, Mustiero-Languedocense ou Languedocense. *Arqueologia*. Porto. 14, p. 13-21.
- RAPOSO, L. (1994) - O sítio de Palheirões do Alegria e a "Questão do Mirense". In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. - *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 55-59.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1980-81) - A estação "languedocense" do Xêz de Baixo (Guadiana). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 47-84.
- RAPOSO, L.; SILVA, A. C. (1984) - O Languedocense: ensaio de caracterização morfotécnica e tipológica. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 4. 2, p. 87-166.
- SILVA, A. C. (1994) - Problemática das "indústrias macrolíticas" do Guadiana. In CAMPOS, J. M.; PÉREZ, J. A.; GÓMEZ, F., eds. - *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*. Huelva: Universidad, p. 71-90.